

Conservadorismo, liberalismo e social-democracia: um estudo de direito político

FERNANDO BRAGA

SUMÁRIO

1. Ideologia política (do conceito metafísico à história). 2. Totalitarismo. 3. A ideologia nos dias de hoje. 4. A trilogia das idéias. 5. Síntese interpretativa.

1. Ideologia política (do conceito metafísico à história)

Apesar das muitas variações que extremam o conceito de ideologias políticas, desde a negação à utopia, creio que este tratado das idéias em abstrato (*lato sensu*) seja um conjunto de pensamentos e crenças a nos forçar a percepção necessária de uma exteriorização universal, para que nela possamos operar com nossa formação sobre o ângulo político pretendido (*strictu sensu*).

É, ainda, esse sistema abstrato, para a sociologia, um conjunto de idéias peculiar a determinado *status* social do grupo e de seus membros, sendo que essa função raramente chega à luz da consciência dos que a professam.

As idéias básicas sobre ideologia, contidas no *Apelo Onipresente*, são caracterizadas por Roy C. Macridis¹ assim dispostas:

1. *Amplitude*: contém, em seu todo global, a ideologia, particularizando sua lógica e estrutura internas;

2. *Difusão*: Consiste na extensão de tempo em que uma ideologia se fixa e se corporifica num determinado meio, isto é, um processo que convencionou o espaço operativo da ideologia,

Fernando Braga é Advogado e Professor universitário.

¹ Professor de Cooperação Internacional na Brandéis University, autor de *French Politics in Transaction e Modern Political Systems : Europe*.

o seu declínio e a sua influência na gama social modelada por sua ação;

3. *Extensão*: referente a um teste numérico, a um mapa ideológico, ou seja, quanto maior o espaço da percepção teórica populacional, maior também se torna a sua extensão;

4. *Intensidade*: o grau de influência e força de uma ideologia, implicando interesses amplamente compartilhados e comprometidos.

O historicismo da ideologia apareceu no fim do século XVIII, no tempo da Revolução Francesa, com Destutt de Tracy (1574-1836) e seu círculo de intelectuais ligados ao *Institut de France*, portanto, liberais e filósofos que seguiam a corrente de uma tradição medida desde Descartes² com o seu *Cogito, ergo sum* (*Je pense donc je suis*), até ao *Existencialismo* de Sartre³. A *Ideologie*, como método específico e universalmente aplicável, fora usada como ciência das idéias no intuito de proporcionar o verdadeiro fundamento para as demais ciências, com domínio próprio na história natural da mente, devendo investigar e descrever a forma pela qual nossos pensamentos se constituem.

A palavra adquiriu uma conotação mais frontal quando Napoleão⁴ e os liberais do *Institut* se indisputaram politicamente, sendo os pensadores caracterizados de ideólogos, tendo a palavra, segundo Anthony de Crespigny⁵, se perdido num nevoeiro de idéias abstratas, na busca vã dos primeiros princípios.

A ideologia continuava sendo empregada como termo de acusação, codificando os sistemas de crenças e de grupos sociais que vão dos *Manuscritos* (1844) até a *Ideologia Alemã* (1845), formando o significado da palavra mais real, mas com algumas variantes de interpretação, contidas nos textos de Marx e Engels, como: 1) a ideologia como falsa consciência; 2) a ideologia como reflexo da infra-estrutura

econômica; 3) a ideologia como parte orgânica e necessária de todas as sociedades. Tendo, ainda, alguns críticos concebido a ideologia como um puro vazior, uma ilusão que ignora seus próprios alicerces materiais, tendo a posição de Lukács⁶ em *História da Consciência de Classe* (1923) definido ideologia como falsa consciência, com apoio de Marcuse⁷ e Habermas⁸, que a tratavam como uma “consciência totalizadora”, sendo que o “espírito absoluto” apregoado por Engels fora substituído por um novo sujeito da história – o proletariado –, tendo a obra de Lukács merecido grande aceitação pelos adeptos da escola de Frankfurt.

2. Totalitarismo

O totalitarismo é um tipo de organização social em que o Estado monopoliza não somente o poder político, mas todas as funções de controle distribuídas entre grupos e instituições que integram a sociedade, também conhecida como a doutrina que preconiza o tipo de organização política ditatorial.

Para Roy C. Macridis, o totalitarismo, como regime ideológico, é antidemocrático; recusa as liberdades individuais e de associação; usa a força como um instrumento de governo; apóia-se num único partido, excluindo toda competição política contra partidos e grupos; as assembleias representativas são fantoches, aceitando unicamente os políticos formulados pela liderança, e as eleições são controladas pelo aparelho do Estado e pelos funcionários do partido. Tendo ainda, como características comuns e semelhantes, os seguintes aspectos: 1) a ideologia é total e absorve a sociedade; 2) toda sociedade é subordinada ao partido, ao Estado e ao líder; a economia, a vida social e artística (não há pluralidade cultural) são

² René Descartes, célebre filósofo e matemático francês (1596-1650). Autor de *O Discurso do Método, Princípios da Filosofia, Meditações Metafísicas*, dentre outras.

³ Jean-Paul Sartre (1905-1981). O criador do *Existencialismo*. Autor de *A Idade da Razão* e outras grandes obras.

⁴ Napoleão Bonaparte (1876-1821), um dos maiores soldados e guerreiros da história humana, e infeliz prisioneiro na Batalha de Waterloo, morto solitário e sem louros, no exílio da ilha de Santa Helena.

⁵ Professor na Universidade de Cape Town.

⁶ György Lukács (1885). Filósofo e Político húngaro. Foi Professor de Estética na Universidade de Budapeste.

⁷ Herbert Marcuse, filósofo alemão, formado pela Universidade de Berlim e Friburgo, Professor de Ciência Política na Universidade da Califórnia. Autor, dentre outras obras, de *A Ideologia da Sociedade Industrial, Reason and Revolution, Soviet Marxism e Eros e Civilização*.

⁸ Jürgen Habermas (1929). Filósofo alemão. Representante da Escola de Frankfurt. Autor de *Entre a Filosofia e a Ciência- O Marxismo como Crítica*, 1960.

sincronizadas ao regime; 3) o partido único governa e controla o Estado; 4) não há competição política; 5) a intimidação e coerção são institucionalizadas pela política; 6) o comando e a execução, bem como a autoridade e o poder do líder, são absolutos; 7) existe uma tendência expansionista: exaltação à nação e um “forçado” nacionalismo, não como um credo político, mas como uma crença doutrinária num sistema fechado.

São exemplos:

1. *Fascismo*: Ideologia e organização política introduzida na Itália por Benito Mussolini (1883-1945) e seus adeptos, em 1922, tendo como conteúdo a ditadura baseada num partido único, influenciado por idéias sindicalistas e por impulsos nacionalistas, como aconteceu no Brasil com o Integralismo, de Plínio Salgado. O Estado fascista reagiu contra o liberalismo e o individualismo, tentando instituir, na Itália, um regime corporativo, em que o sistema político-social constitui a base do Estado, e os homens vivem naturalmente enquadrados em grupos sociais (família, profissão, município), harmonizando as relações entre capital e trabalho, produção e consumo.

Mussolini, um ex-revolucionário socialista, rompeu com o partido por causa da participação da Itália na Primeira Guerra, tornando-se líder categorizado de um grande contingente de veteranos com mentalidade nacionalista (por revolta), e de outros grupos de combate, como o *fasci di combattimento*. Mussolini empenhou-se contra uma série de movimentos marxistas, sendo ele – o *Duce* – designado Primeiro-Ministro à frente de um gabinete de coalizão, usando a força e se fazendo chefe de um Estado totalitário, no qual o apregoar da liberdade de pensamento “foi o mais doloroso desastre, porque, em substituição às verdades clássicas, não nos deu nenhuma certeza e só soube criar princípios”, como escreveu Keyserling⁹.

Mussolini foi destruído pela estratégia dos aliados e esmagado pelo rolo compressor do eixo de que era uma das molas mestras, caindo como se fora o próprio protagonista dos versos de Júlio César, feitos quando a Terra devia passar pela cauda do Cometa de Halley, como sinônimo de desgraça:

“Quando os pobres morrem não se vêem cometas, abraseiam os céus quando falecem príncipes.”

⁹ Hermann Keyserling (1880-1946). Autor de *Das Reisetagebuch eines Philosophen*, 1919.

2. *Nazismo*: Foi um movimento ideológico e político organizado, em 1919, por Adolf Hitler (1889-1945), com o nome de Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores (*Nationalsozialismus*). Enquadrou-se nas idéias da supremacia da raça ariana sobre as demais e do Estado sobre o indivíduo. O autoritarismo de Hitler, que se julgava “todo-poderoso”, consistiu numa desgraçada interpretação, na prática, da genialidade de Nietzsche¹⁰, o solitário que pensava habitar mais próximo do raio, que monologava com sua própria sombra, como um *anticristo* a arquitetar as misérias da vida numa *genealogia da moral*, e que imaginou, com o seu niilismo aristocrático, uma raça superior com a criação do super-homem, baseado no conceito metafísico da “vontade de poder”, numa transmutação de valores, servindo, infelizmente, de modelo para que Hitler, por um ato supremo e inexplicável de energia criativa, como afirma Frederick M. Watkins¹¹ e Isaac Kraminich¹², tentasse reverter o curso da história e fizesse reviver uma raça superior, tendo essa miserável experiência abalado as estruturas do mundo, na Segunda Guerra, de um modo demoníaco e aterrorizante¹³.

O tresloucado Ministro do III Reich e General da SS, apoderado de uma bestialidade apocalíptica, fora fulminado pela lástima e pelas misérias que aterraram em cinzas o seu projeto (*Mein Kampf*, 1927-9), tendo o *Führer*, desgraçadamente, nos subterrâneos da Chancelaria, silenciado para sempre e necessariamente com as lágrimas de pólvora dos canhões de agosto.

3. *Comunismo*: Conjunto de doutrinas social-filosóficas que atribuiu um papel histórico à luta de classes e, particularmente, ao proletariado que revolucionou as sociedades organizadas em moldes capitalistas, substituindo a economia capitalista por uma organização comunista e as sociedades divididas em classes por outras sem classes. Esse regime preconizava uma corrente de ação revolucio-

¹⁰ Friedrich Nietzsche (1844-1900). “O super-homem é produto desse gênio de cujos infinitos sofrimentos a natureza um dia teve piedade dando-lhe a loucura”, diz um seu biógrafo. Autor, dentre grandes livros, de *Assim Falou Zaratustra*, 1891.

¹¹ Cientista político.

¹² Professor da Cornell University.

¹³ Uma das idéias básicas do nazismo, pouco divulgada, era a quebra do padrão-ouro, como princípio harmônico na economia do País, causa geradora de efeitos dolorosos.

nária do proletariado e a instituição de uma organização totalitária, estatocrática, baseada na ditadura do proletariado.

“Do ponto de vista da Rússia, o marxismo era uma doutrina particularmente desencorajadora. Suas esperanças futuras eram todas baseadas em condições que, supostamente, surgiriam nos estágios avançados de industrialização, o que não se aplicava à Rússia de antes da Primeira Guerra Mundial. A perspectiva era, desse modo, sombria para os que sonhavam com uma sociedade sem classes”.

Seguindo essa linha de pensamento, Lênin ¹⁴ tornou-se original na arte da política pelo fato de haver reconhecido que a causa revolucionária seria inevitável.

Em seu livro *Que Fazer?* (1902), Lênin evoca um partido elitista e disciplinado, com a função de infiltrar-se e tomar posições de liderança em organizações populares, o que chamou de “correias de transmissão” para o exercício do poder, tendo, por isso, o partido comunista da Rússia se tornado o primeiro exemplo de uma agremiação revolucionária moderna. Com a fórmula clássica de Yossef Vissarianovich Stálin (1879-1953), o leninismo é o marxismo de nossa época, calcado no princípio básico do socialismo científico, como modelo exemplar do materialismo dialético, paradigma de crenças na inevitabilidade de uma revolução política e no surgimento de uma sociedade sem classes, estruturada na preexistência de uma economia capitalista plenamente desenvolvida.

Desde 1945, houve três dissidências importantes no movimento comunista: a Iugoslávia, em 1948, era acusada por líderes soviéticos de práticas alheias ao regime, chamados de “pecados ideológicos”; a China de Mao-Tsé-Tung, em 1960, culpava Nikita Kruchthov de “degenerar” o comunismo, pregando o capitalismo na Rússia e Estados-satélites. A Albânia, também em 1960, aliava-se à China, por terem sido restabelecidas as relações da URSS com a Iugoslávia, sua vizinha e rival. Essa dissidência, todavia, continua, ainda hoje, com a China, que não teve por base, em sua revolução, apenas aquele fenômeno maniqueísta das cartilhas ideológicas – a luta do povo contra os opressores –, mas

¹⁴ Vladimir Ilitch Ulianov (1870-1924). Seu pseudônimo foi inspirado em Lena, nome de um rio da Sibéria, onde estivera exilado.

variados fatores de ordem externa e interna, fazendo do comunismo um regime *sui generis*, com elementos de barbárie camponesa aliados à sofisticação da análise marxista.

Em continuação a essa derrocada, contarei, ainda, aos meus filhos como se deu a queda do Muro de Berlim, a unificação das duas Alemanhas, a desintegração da URSS, a volta da Rússia ao mapa da Europa e a independência dos países do leste europeu, integrantes da velha e extinta Cortina de Ferro.

3. A ideologia nos dias de hoje

As influências da tradição européia podem ser apontadas nas concepções modernas de ideologia, dimensionadas com a *Sociologia do Conhecimento*, desenvolvida por Mannheim ¹⁵ ao defender que os modos de pensar não podem ser compreendidos fora do seu contexto social, preconizada a atual *intelligenza* no mundo moderno, em que a camada média não comprometida, desagregada e relativamente sem classes está apta para a conscientização da verdade, porque, como asseverou Goethe¹⁶

“o homem de ação é sempre inconsciente e ninguém tem consciência afora o expectador (...) porque nada se deve procurar atrás dos fenômenos porque eles mesmos são a teoria (...) e a humanidade progride, mas o homem continua o mesmo”.

O cientista William T. Bluhm sugere uma distinção entre ideologias retóricas e ideologias latentes. As primeiras são sistemas de palavras elaboradas e autoconscientes, formuladas em níveis bastante abstratos, que constituem a linguagem de debate político em tempos de pressão; e as segundas são o conjunto implícito de termos políticos expressos em atitudes e comportamentos durante épocas mais tranquilas.

Já o pensador Plamentz faz a distinção entre ideologia sofisticada e não-sofisticada, na mesma variedade de Bluhm, enquanto o Professor Althusse diferencia ideologia (simplesmente) de ideologia teórica, dizendo ser esta última a formulação trabalhada e consciente de atitudes ideológicas inconscientes.

¹⁵ Karl Mannheim. Filósofo e sociólogo húngaro (1893-1947). Professor da Universidade de Frankfurt e da Universidade de Londres.

¹⁶ Joahann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Autor, dentre outras grandes obras, de *O Fausto*, discurso ao povo alemão.

Faz-se necessário dizer que a ideologia no conhecimento e a ideologia na política são as mais evidentes. No primeiro caso, a ideologia é composta da verdade (relativa) e, no segundo, a verdade não existe, dando evasão apenas ao funcional da ideologia.

A ideologia – como definida por muitos – sempre existirá para o discernimento do homem tragejado e engajado na constante fenomenologia como indicador de inevitável mutabilidade sócio-política? Não se saberá porque “cada época, cada geração, cada vida tem sua própria realização”, como entende o cientista Alexander Herzen, porque a vontade caracteriza o homem moderno, como ao antigo caracterizava a razão, visto que não existe nenhum final feliz nos capítulos que fazem a história da humanidade, como *Um Credo*, segundo o pensamento de Leszek Kolakowski, em *A Presença do Mito* (editado pela Universidade de Brasília), ou como nas perguntas que tripartiam a grande dúvida de Dostoiévski¹⁷ “Por quê?- De onde? - Para onde?”

4. A trilogia das idéias

1. *Conservadorismo*: É a doutrina ou atitude favorável à perpetuação dos padrões existentes, e oposta, portanto, à mudança, exercendo uma função básica em qualquer sociedade.

Para o cientista Michel Oakshott¹⁸, segundo suas várias interpretações, *ser conservador* é estar disposto a pensar e comportar-se de certa forma; é preferir certos tipos de conduta e certas condições de circunstância humana a outra.

Informa Roy C. Macridis que, nos últimos vinte anos, o termo “conservador” ganhou respeitabilidade, e essa ideologia, muitos seguidores. Nos Estados Unidos, eles são liberais e adotam essa doutrina nos moldes verificados no século XIX, acreditando no individualismo econômico, na competição, no sistema de livre empresa, e são contra a intervenção do Estado, sendo que, até 1932, eram liberais, e hoje se caracterizam como

¹⁷ Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881). Um dos maiores e mais sofridos escritores russos. Autor, dentre célebres livros, de *Humilhados e Ofendidos* (1861), *Os Irmãos Karamázovi* (1880) e *Recordações da Casa dos Mortos* (1862).

¹⁸ Professor de Economia Política da London School of Economics and Political Science. Autor do livro *Política e Racionalismo*, publicado pela Editora da UnB.

neoconservadores. Essa mudança deu-se com a depressão econômica de 1929, conhecida por *Crash*, no governo de Hoover, estendendo-se até o *New Deal*, de Franklin Roosevelt, como uma nova orientação política e um novo trato ao modelo existente.

Os neoliberais, com a assimilação dos negros na década de 50-60, nesta última, quando era Presidente John F. Kennedy, e com o assassinato de Martin Luther King, líder do movimento de libertação *I am*, apresentaram uma nova plataforma de governo disposta a assegurar as minorias étnicas (para detrimento de muitos), responsabilizando-se pela ampliação das oportunidades políticas e sociais: assistência, controle econômico e igualdade como símbolo de justiça social.

Os adeptos do *New Deal* eram os neoliberais ou liberais welfaristas, ou ainda liberais coletivistas, e os liberais ditos autênticos que os rejeitaram tornaram-se conhecidos por conservadores ou neoconservadores.

O “estatismo” da era rooseveltiana mudou o significado do liberalismo – onde os neoconservadores passaram a refletir o pensamento dos liberais do século passado, favoráveis à intervenção dos controles estatais na economia, apoiando as medidas de um bem-estar (*welfare*) –, havendo, em 1932 até o advento da Segunda Guerra Mundial, a aceitação do *New Deal* por republicanos e democratas. Os trabalhistas foram os primeiros a aderirem a um grau de poder, pela legislação e com o crescimento dos sindicatos, vindo, em seguida, as minorias étnicas e religiosas das mais variadas formas e matizes.

Os neoconservadores dos Estados Unidos, continua Roy Macridis, destacam o núcleo econômico do liberalismo e permanecem atados aos núcleos moral e político com forças provindas do desencanto da classe média, contrária aos controles estatais, gastos públicos, altas taxas e centralização decisória por meio de uma crescente burocracia, mas que, em contrapartida, prejudicam a iniciativa moral das pessoas e afetam frontalmente seus incentivos, debilitando a produtividade e o crescimento econômico.

Destacou-se como precursor, nesse movimento, Edmund Burke (1729-1797), expoente da ideologia conservadora britânica que aparentava ser um liberal arguindo não somente contra as prerrogativas da Coroa em favor do Parlamento, como também da autonomia das

colônias da América do Norte, expressas nas teses *Thoughts on the causes of Present Discontents*, publicadas em 1770.

2. *Liberalismo*: Doutrina econômica que aconselha a competição inteiramente livre, julgando chegar, dessa maneira, ao máximo de bem-estar (*welfare*) individual e coletivo, na tentativa de organizar a sociedade ocidental nos termos do liberalismo e permanecer constantemente com as classes médias e burguesias, tendo o cunho de uma ideologia de classes privilegiadas.

O liberalismo, comenta Friedric August von Hayek ¹⁹, é a concepção de uma ordem política desejável que foi inicialmente desenvolvida na Inglaterra desde a época dos antigos liberais (*Old Whigs*), na parte final do século XVII. Foi essa concepção de liberdade individual que inspirou os movimentos liberais no continente europeu e se tornou a base política norte-americana.

Há uma diferença entre o liberalismo originariamente pertencente à tradição continental européia, que, embora começando a tentativa de irritar a tradição inicial, foi interpretada no espírito de um racionalismo construtivista, prevalecendo na França, detendo o ideal dos poderes ilimitados da maioria, tendo, ainda, o utilitarismo assimilado grande parte dessa tradição continental, e o partido liberal britânico do século XIX, que se voltou aos *whigs* liberais e aos radicais utilitaristas.

O liberalismo e a democracia, embora compatíveis, não podem ser confundidos; o primeiro se preocupa com a extensão do poder governamental e a segunda, com quem detém esse poder, sendo que o reverso da democracia é o autoritarismo. Mas há a possibilidade de um governo democrático ser totalitário e de um governo autoritário ter princípios liberais.

O primeiro tipo do liberalismo (não-teórico) nasceu na extensão em generalizar os efeitos benéficos que seguiram as limitações impostas aos poderes de governo, por ímpetus de desconfiança dos governados aos governantes, derivando de uma ordem espontânea nos assuntos sociais, o que fez Adam Smith e seus

seguidores desenvolverem os princípios básicos (teóricos) para sua aplicação.

O liberalismo recebeu o legado das teorias do direito comum e das teorias (pré-racionalistas) do direito natural, pressupondo uma concepção de justiça, permitindo a distinção entre as regras de conduta individual justa, disciplinadas em lei, e as necessidades de uma ordem espontânea.

No liberalismo, o filósofo inglês John Lock (1632-1704) destacou-se por suas teorias desenvolvidas em seus *Dois Trabalhos sobre o Governo*: a teoria do contrato do Estado, de acordo com a qual o Estado é o guardião do direito natural, e com o consentimento dos governados, em que o Estado protege o direito à vida, à liberdade e à propriedade.

3. *Social-Democracia*: Essa doutrina, em 1848, representou a linha divisória do liberalismo europeu. Os povos, em particular os trabalhadores e os camponeses que deixavam o campo – num êxodo rural –, interpretando a gênese bíblica (XII), uniam-se para tomar o poder das classes proprietárias em nome da democracia e do socialismo radicais.

As classes médias estavam indefinidas. Uns ficavam ao lado dos democratas radicais, e os socialistas juntavam-se a estes. Outros apoiavam grupos conservadores, como a nobreza, o clero e os proprietários rurais que também resistiam ao liberalismo.

Os democratas radicais aceitavam o núcleo moral do liberalismo e seus direitos civis, liberdades individuais, liberdades de imprensa, religião e associação.

Os liberais aceitavam a lógica plena da democracia. O direito de voto tinha sido ampliado de modo a abranger todos os cidadãos, homens e mulheres, sendo eliminada a qualificação de voto baseada no grau de alfabetização, idade, residência, renda, etc.

Considerou-se necessária a intervenção do Estado para apoiar as atividades econômicas, na forma de controles de preços e por meios diretos e indiretos para estimular a atividade econômica. O envolvimento direto do Estado na proteção de assistência aos desempregados e a ação direta e indireta do Estado na obtenção de empregos foram, e são, fatos indiscutíveis na maioria das democracias.

A social-democracia é considerada parte do desenvolvimento do socialismo, cujos adeptos, na Europa, são chamados social-democratas. A social-democracia começou, entre as décadas

¹⁹ Professor da Universidade de Friburgo, nascido na Áustria (1899). Prêmio Nobel de Economia (1974), juntamente com o sueco Gunnar Karl Myrdal (1898), com o trabalho precursor na teoria das flutuações monetárias e econômicas e análise da interdependência do fenômeno econômico, social e industrial.

de 50-60, a desenvolver características no âmbito da Internacional Socialista.

Em 1945, o Partido Trabalhista Inglês convocou a primeira reunião, em Londres, dos socialistas europeus, com o intuito otimista de um agrupamento com os socialistas do Leste. As dificuldades começaram a surgir, e, em 1946, o SPD (*Sozial-Demokratische Partei Deuthschland*) não fora aceito como membro da Internacional Socialista, incorporando-se, somente em 1947, na Conferência de Zurich, o que viria a fortificar o socialismo europeu.

O *Cominform*, criado em 1947, por Stalin, representou uma oposição hostil aos partidos socialistas democráticos da Europa Ocidental, aliados à Internacional Socialista, já com a incorporação do SPD alemão.

Em 1948, os socialistas europeus preocupavam-se com o que os diferenciava dos comunistas daquele continente. Foi na Conferência da Internacional Socialista que começou, então, a se definir a expressão *democracia política*, de cujo manifesto se faz necessária a transcrição :

“Os partidos representados nesta conferência se opõem ao Estado de partido único e a todos os sistemas de governo nele baseados. São de opinião de que deve estar implícito o reconhecimento da preeminência do indivíduo, que deve ser garantido pelas seguintes liberdades: de pensamento, de opinião e de expressão; segurança com base na lei e proteção contra a interferência de outros indivíduos; igualdade perante a lei e proteção contra falsificações políticas baseadas na máquina da justiça; liberdade total e garantia de direitos nas eleições; direito de fazer oposição; igualdade política e legal de todos os cidadãos, sem restrições de classe, raça ou sexo.”

A Internacional Socialista, na Declaração de Frankfurt, assim se expressava:

“O socialismo objetiva liberar os povos da dependência de uma minoria que possui ou controla os meios de produção. Objetiva colocar o poder econômico nas mãos do povo como um todo e criar uma comunidade na qual homens livres trabalhem juntos, como iguais. Sem liberdade, não pode haver socialismo. O socialismo somente pode ser alcançado através da democracia, e a

democracia só pode ser caracterizada através do socialismo.”

Bernstein²⁰ esquematizou um gráfico como uma pirâmide de degraus feita de muitas camadas intermediárias, contrária à opinião de Marx, que representou a sociedade como uma pirâmide de lados lisos e com a classe capitalista no topo.

Em seqüência a esse comentário, como padrão da democracia social, o SPD alemão tornou-se o que denominaram de Partido do Povo (*Volkspartei*), e, por volta de 1966, fazia uma coalizão, chegando ao poder em 1969 com Willy Brand, que se tornou Chanceler na liderança de uma união com os liberais do FDP, com um programa de abertura eleitoral, adentrando-se à classe trabalhadora católica, aos eleitores rurais e com o apoio do voto feminino.

Processos semelhantes são verificados com o Partido Trabalhista Holandês (PVDA), que havia substituído o antigo Partido dos Trabalhadores Social-Democratas (SDAP), seguindo desse rompimento uma dissidência, com um novo partido, o dos Socialistas Democratas, formando, assim, uma liderança com o Primeiro-Ministro Socialista, à frente de uma política mais radical que as defendidas pelo governo trabalhista britânico. Com essa divisão, entre esquerda e direita, dentro do Partido Trabalhista, a expressão *socialista democrático*, como reconciliação gradual entre os defensores do liberalismo e os democratas radicais, sob a forma de democracia política, não mais se confunde com a expressão *social-democrata*.

Como a política é a arte do possível, é providencial justificarem-se, por tais razões e fatos, condições oscilantes que arreesaram o quadro da social democracia, principalmente onde esse sistema era adaptado e ajustado com rígida disciplina.

Na Alemanha, acabou por cair o governo social-democrata de Helmut Schmidt, depois de muitos anos no poder, com a casual ruptura do pequeno, mas decisivo, Partido Democrata Livre, com o forte e bem estruturado SPD, levando ao Gabinete o conservador Helmut Kohl. Razões semelhantes se processaram na

²⁰ Eduard Bernstein (1850-1932). Fundador do Revisionismo, rejeitou a idéia da ditadura do proletariado, tornando-se advogado da reforma no lugar da revolução e defensor de mudanças graduais dentro de um contexto democrático. Suas teses sobre Socialismo e sobre *Mudanças Sociais* tornaram-se a base da *democracia social* de nossos dias.

Suécia, tendo o líder social-democrata Olaff Palmer ²¹, depois de alguns anos de ausência, retornado ao Governo.

Sobre essas mudanças na política européia, o inglês David Fleischer, Professor de Ciência Política na Universidade de Brasília, defensor de que o mundo já não é o mesmo, postula com seriedade a tese dessa assertiva, dizendo que o “pêndulo político da Europa está voltando de sua guinada conservadora, mas essa volta não se dá exatamente pelo caminho inverso, prevalecendo, para isso, uma forte dose de nacionalismo econômico e político, temperado com muita cautela”.

5. Síntese interpretativa

Neste trabalho, torna-se lógico dizer que, mesmo atribuídos mortos, por alguns, os conhecimentos da razão pura, e sendo o homem o principal objeto de qualquer pensamento filosófico, segundo o entendimento do pensador marxista Lucien Goldemann, a ideologia, não como “falsa consciência”, mas como “determinação social” e como símbolo de mudanças criativas em que a esperança é a busca maior, apenas sobreviverá como fato histórico. E pergunta-se: Existiu? Existe? Ou sempre foi utopia?

Encerrando este trabalho, aproveito para inserir no texto o pensamento luminar sobre a concepção das idéias que mestre Rui Barbosa assim sentenciou:

“Politicamente, eu me envergonharia antes de pertencer à turba dos indivíduos que não conhecem, na sua vida inteira, senão uma só idéia com a qual nunca se puseram em contradição.”

Bibliografia

- As novas Atitudes “excerto da série “School-Briets”, da revista inglesa *The Economist*.
- Bell, Daniel. *O fim da ideologia*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília : Universidade de Brasília, 1980. 334p. (Pensamento político, 11).
- CRISPINGNY, Anthony de. Liberdade para o progresso. *Jornal de Brasília*, Brasília, 20 nov. 1992. Unidade 2.
- CRISPINGNY, Anthony de, CRONIN, Jeremy, A *palavra e a história*.
- DEUTSH, Karl. *Geografia das idéias*.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Ideologia jurídica*.
- HAYEK, Friedrich August. *Liberalismo*.
- MACRIDIS, Roy C. *O apelo onipresente*.
- _____. *A grande síntese*.
- _____. *A nova esquerda*.
- _____. *Democracia : muitas raízes e famílias*.
- _____. Os neoconservadores. *Jornal de Brasília*, Brasília, 4 dez. 1982. Unidade 4.
- _____. *Social democracia*.
- _____. *Totalitarismo*.
- OASKSHOTT, Michael. *Ser conservador*.
- Os vários tipos de comunismo. *Jornal de Brasília*, Brasília, 27 nov. 1982. Unidade 2. Artigo publicado na Revista *The Economist*.
- OWEN, David. *A social democracia*.
- STOPPIN, Mário. *Significado fraco/forte*.
- Um Credo (extraído do livro Kolakowski, a ser publicado pela Editora Universidade de Brasília).
- WATKINS, Frederick M., KRAMNICK, Isaac. *Fascismo, nazismo e comunismo*.
- _____. Idade da ideologia. *Jornal de Brasília*, Brasília, 13 nov. 1982.

²¹ Olaff Palmer fora assassinado por integrantes de grupos terroristas na noite de 28 de fevereiro de 1986.